

Entrevista – Diálogos Acadêmicos: reflexões sobre plágio em tempos de inteligência artificial

Interview - Academic Dialogues: reflections on plagiarism in times of artificial intelligence

Elton Paulo Dobrovoliski | <https://orcid.org/0009-0005-9735-8467>

Jesué Graciliano da Silva | <https://orcid.org/0000-0002-1883-9096>

Eli Lopes da Silva | <https://orcid.org/0000-0002-2950-8938>

RESUMO

O modelo educacional universitário vivencia transformações ao longo das últimas décadas. Em uma vertente, observa-se a expansão da aplicabilidade da inteligência artificial (IA) nas práticas pedagógicas e de ensino, e, paralelo a isto, o fenômeno de produtivismo acadêmico que valoriza o desempenho a partir de critérios quantitativos de publicações técnico-científicas. Estes aspectos convergem em uma temática, a produção de textos acadêmicos. Neste cenário, apresenta-se a IA de categoria generativa, classificada como uma tecnologia disruptiva que é capaz de criar textos a partir do processamento de informações existentes na internet. Apesar dos benefícios intrínsecos da ferramenta, o âmbito educacional vem refletindo sobre os possíveis impactos negativos relacionados à integridade científica e má conduta acadêmica, em parte pelo não desenvolvimento do senso crítico na prática da escrita ao utilizar a ferramenta, em especial ao cometimento de plágio. Considerando que as instituições de ensino são espaços com potencialidade de reflexões críticas, a oitava edição da live “Diálogos Acadêmicos” recebeu dois convidados, Jesué Graciliano da Silva e Eli Lopes da Silva, com objetivo de discutir o uso ético da IA nas práticas de produção de texto acadêmicos e como o plágio tangencia tal questão. A palestra é uma iniciativa da Coordenadoria de Publicações (PROPPI) e do Conselho Editorial do IFSC. Ela foi transmitida pelo canal do [IFSC no YouTube](#), em 14 de agosto de 2024.

ABSTRACT

The university educational model has transformed over the last few decades. One aspect is the expansion of the applicability of artificial intelligence (AI) in pedagogical and teaching practices. In parallel to this, the phenomenon of academic productivism values performance based on quantitative criteria of technical-scientific publications. These aspects converge into one theme, the production of scholarly texts. In this scenario, AI of the generative category is presented, classified as a disruptive technology that can create texts from the processing of information existing on the internet. Despite the intrinsic benefits of the tool, the educational sphere has been reflected on the possible negative impacts related to scientific integrity and academic misconduct, in part due to the failure to develop a critical sense in the practice of writing when using the tool, especially the commission of plagiarism. Considering that educational institutions are spaces with potential for critical reflection, the eighth edition of the live “Academic Dialogues” welcomed two guests, Jesué Graciliano da Silva, and Eli Lopes da Silva, to discuss the ethical use of AI in the production practices of academic texts and how plagiarism touches on this issue. The lecture is an initiative of the Publications Coordination (PROPPI) and the IFSC Editorial Board. It was broadcast on the [IFSC YouTube channel](#), on August 14, 2024.

Recebido em: 12/06/2025. Aprovado em: 12/06/2025.

Entrevistas não são avaliadas pelos pares.

DOI: <https://doi.org/10.35700/2316-8382.2025.v15.3975>

ENTREVISTADOR: Elton Paulo Dobrovoliski

Pergunta:

O uso da inteligência artificial ou simplesmente, geradores de texto, como o ChatGPT, tem despertado discussões sobre sua aplicabilidade e riscos no ambiente acadêmico. Quais foram as principais preocupações durante o evento “Diálogos Acadêmicos” em relação à utilização dessas ferramentas nas produções acadêmicas?

Resposta:

De acordo com o professor Eli Lopes da Silva, as principais preocupações discutidas durante o evento "Diálogos Acadêmicos" foram duas: "1) ao plágio cometido no uso dessas ferramentas; 2) à produção de textos que, ainda que não contenham plágio, não contém também autoria porque não foi o redator que criou o trabalho, mas pediu a uma ferramenta para criar."

Já o professor Jesué reforçou que a integridade acadêmica esteve no centro das preocupações, destacando-se principalmente o plágio e a falta de autoria genuína. Ele explicou que o uso de ferramentas de inteligência artificial, como o ChatGPT, pode gerar textos inéditos, mas que não refletem o esforço intelectual direto do aluno. "Mesmo que não haja plágio literal, o texto gerado não é uma produção original do estudante, o que levanta questões éticas e acadêmicas," afirmou Jesué. Ele também ressaltou a falta de conhecimento dos estudantes sobre o que constitui plágio, mencionando um estudo da Unicamp que revelou que 83% dos alunos que ingressam na universidade não sabem identificar plágio acadêmico. Isso, combinado com o uso de IA, agrava o problema.

Portanto, de acordo com Jesué, as instituições de ensino precisam adotar diretrizes claras sobre o uso dessas ferramentas, educando os alunos sobre os limites e a forma responsável de utilizá-las, "Ferramentas de IA podem ser úteis para organizar referências, traduções ou roteiros, mas o desenvolvimento intelectual deve ser do próprio estudante."

Pergunta:

No contexto de regulamentações institucionais sobre o uso de IA em atividades acadêmicas, como vocês avaliam o papel dos docentes e pesquisadores no processo de orientação e acompanhamento de seus alunos em relação ao uso dessas tecnologias? Deveria ser proibida, incentivada ou simplesmente, quais medidas poderiam ser adotadas?

Resposta:

De acordo com o professor Eli, o papel dos docentes e pesquisadores em relação ao uso da inteligência artificial (IA) nas atividades acadêmicas não deve ser de proibição, mas de orientação para o uso consciente. Ele afirma que "não se trata de proibir o uso das ferramentas, mas mostrar o uso consciente e ainda criar estratégias didáticas para que os alunos compreendam em quais contextos ela pode ser utilizada." Eli exemplifica que, para correção ortográfica, o uso da IA não é problemático, mas questiona se é adequado utilizá-la para criar citações indiretas ou até perguntas de pesquisa, destacando a importância de ensinar os limites de aplicação da tecnologia.

Já o professor Jesué enfatiza que os docentes têm um papel fundamental em guiar o uso ético e responsável da IA. Segundo ele, "o foco não deve ser proibir, mas educar sobre os limites e benefícios da tecnologia." Jesué sugere que ferramentas de IA podem ser úteis para correções e organização de

ideias, mas ressalta que “o pensamento crítico e a criação original devem ser preservados.” Ele argumenta que o acompanhamento contínuo dos professores é essencial para garantir que a IA seja um apoio, e não um substituto, ao processo de aprendizado.

Durante o evento "Diálogos Acadêmicos", ficou claro que o consenso entre os participantes é de que proibir o uso da IA seria uma solução simplista. Ao invés disso, os professores devem educar os alunos sobre o uso responsável e ético, ajudando-os a entender os limites dessa tecnologia. A IA pode ser uma ferramenta valiosa para funções de apoio, como organização de ideias ou correção de textos, mas não deve substituir o processo intelectual do estudante. Os docentes devem acompanhar o desenvolvimento acadêmico dos alunos, orientando o uso apropriado da IA e garantindo que as habilidades centrais, como o pensamento crítico e a escrita criativa, sejam desenvolvidas diretamente pelos alunos.

Assim, os professores desempenham um papel fundamental na regulamentação e no uso responsável da IA contribuindo para o desenvolvimento de diretrizes claras sobre como e quando essas ferramentas devem ser aplicadas no ambiente acadêmico.

Pergunta:

Quais são, em sua opinião, os impactos do uso da IA no desenvolvimento das habilidades de pesquisa e escrita dos estudantes? Vocês acreditam que a dependência dessas ferramentas pode comprometer o processo de aprendizado e de que forma seriam esses impactos?

Resposta:

De acordo com o professor Eli, o uso da IA deve ser visto como uma ferramenta aliada no desenvolvimento acadêmico dos estudantes. No entanto, ele destaca que “a possível dependência da ferramenta é que vem a ser um problema, porque ela deixa de ser aliada para ser o principal instrumento utilizado.” Eli acredita que a IA pode oferecer suporte, mas sua utilização excessiva ou inadequada comprometeria o processo de aprendizado, pois os alunos deixariam de exercer suas próprias habilidades de pesquisa e escrita.

Já o professor Jesué reforça a ideia de que a IA deve ser usada como uma ferramenta de suporte, e não como um substituto. Ele explica que “a IA pode ser útil para organizar ideias e analisar trabalhos, mas deve ser usada com cuidado, para não substituir o pensamento crítico e o processo criativo do estudante.” Jesué compara o uso da IA ao de uma calculadora, que é útil em determinadas situações, mas não substitui o aprendizado das habilidades básicas. Ele enfatiza que a dependência excessiva da IA poderia comprometer a criatividade e o pensamento crítico, caso os alunos passassem a usá-la para criar conteúdo em vez de desenvolver suas próprias ideias.

Jesué também destaca que é importante ensinar os alunos a usarem a IA de maneira consciente, desenvolvendo habilidades para formular perguntas adequadas (prompts) que possam ajudar a acelerar o aprendizado sem comprometer o processo intelectual. Para ele, “o uso inadequado da IA poderia comprometer a criatividade e o pensamento crítico, mas seu uso correto pode apoiar o processo de aprendizado.”

Dessa forma, ambos concordam que a IA pode impactar negativamente o desenvolvimento das habilidades de pesquisa e escrita dos estudantes, caso a dependência seja excessiva. No entanto, quando usada de forma adequada e consciente, ela pode complementar o processo de aprendizado, sem substituir a criatividade e o pensamento crítico necessários ao desenvolvimento acadêmico.

Pergunta:

A regulamentação do uso de IA em trabalhos acadêmicos é um tema emergente. Em que estágio vocês acreditam que as instituições brasileiras, como os Institutos Federais, estão nessa discussão? Quais passos são essenciais para o estabelecimento de diretrizes que orientem o uso de IA nas práticas de ensino, pesquisa e extensão?

Resposta:

De acordo com o professor Eli, a discussão sobre o uso de inteligência artificial (IA) em trabalhos acadêmicos ainda está em estágios iniciais nas instituições brasileiras. Ele observa que “até mesmo a discussão sobre o que constitui plágio em trabalhos acadêmicos é um tema polêmico e mal resolvido nas instituições.” A introdução da IA acrescenta uma nova camada de complexidade ao debate, e Eli destaca a necessidade urgente de regulamentação: “As instituições, sem dúvidas, precisam regulamentar essas questões e criar diretrizes sobre o que é ou não permitido.”

O professor Jesué concorda que as instituições brasileiras, incluindo os Institutos Federais, ainda estão no início dessa discussão. Ele destaca que “muitos estudantes chegam à universidade sem saber o que é plágio,” o que revela a ausência de regulamentações claras e políticas institucionais bem definidas sobre o uso de IA. Jesué menciona que um passo essencial seria a criação de grupos de trabalho compostos por professores, técnicos administrativos e estudantes, para desenvolver propostas de regulamentação. “Este grupo teria a tarefa de elaborar uma minuta de regulamentação, que passaria por diferentes etapas de validação,” explicou.

Além disso, Jesué enfatiza a importância de estabelecer diretrizes claras e padronizadas, evitando que cada professor ou campus adote regras diferentes sobre o uso de IA, o que geraria confusão e inconsistência. Ele sugere que o uso de IA seja permitido, desde que os alunos “informem claramente onde e como a ferramenta foi utilizada,” como na seção de metodologia dos trabalhos acadêmicos.

Ambos concordam que, para uma regulamentação eficaz, é fundamental que ela seja acompanhada de um processo educacional contínuo. Jesué salienta que “a regulamentação não deve focar apenas em proibições, mas também na educação sobre o uso ético dessas ferramentas,” orientando os estudantes a utilizarem a IA de maneira que respeite a integridade acadêmica.

Logo, os Institutos Federais e outras instituições brasileiras ainda estão nos estágios iniciais da regulamentação do uso de IA sendo essenciais a criação de grupos de trabalho, o estabelecimento de diretrizes claras e a integração entre regulamentação e educação ética.

Pergunta:

Vocês acreditam que o Governo Federal deveria fomentar o uso dessas tecnologias, investindo em versões mais robustas, como as versões pagas do ChatGPT, ou até mesmo investindo em uma IA própria para estudantes e professores?

Resposta:

De acordo com o professor Eli, o fomento ao uso de tecnologias como a inteligência artificial (IA) deve ser mais uma responsabilidade das instituições da rede federal do que do próprio Governo Federal. Para Eli, “não vislumbramos isso como uma atividade inerente ao âmbito do governo federal, mas das instituições da rede federal,” indicando que esse investimento deve partir das próprias instituições educacionais.

Já o professor Jesué discute a questão com mais amplitude, reconhecendo que o Governo Federal já está investindo em IA, como demonstrado pelo lançamento do Plano Nacional de Inteligência Artificial. Contudo, Jesué observa que “as ações previstas nesse plano são descritas como sendo de curto, médio e longo prazo, o que sugere que os avanços não serão imediatos.” Ele expressa preocupação com o atraso do Brasil em relação a outros países no desenvolvimento de IA robusta e acessível, o que pode dificultar o país de alcançar níveis de desenvolvimento internacional.

Sobre o fomento ao uso de versões pagas de IA, como o ChatGPT Plus, Jesué sugere que, em vez de desenvolver uma IA própria, o governo poderia “financiar o acesso a essas ferramentas para os professores,” mencionando que isso poderia aumentar a eficiência no trabalho docente, permitindo a preparação e correção de provas, além de outras tarefas, de forma mais rápida. A ideia seria proporcionar aos professores uma ferramenta mais robusta, como o ChatGPT Plus, para otimizar suas atividades acadêmicas.

Quanto à criação de uma IA própria para o Brasil, Jesué se mostra um pouco cauteloso, afirmando que “para que uma IA seja utilizada em larga escala, ela precisa ser robusta e fornecer respostas confiáveis. E isso depende muito da qualidade dos dados utilizados para treinamento e nos modelos de linguagem LLMs subjacentes. Estamos 10 anos atrasados nessa corrida e dificilmente seremos capazes de produzir uma IA do nível do ChatGPT em menos de uma década.” Ele acredita que uma IA que não atenda a esses critérios provavelmente seria rejeitada pelos usuários.

Em termos de alternativas, Jesué sugere que o governo invista em pesquisas sobre o impacto do uso de IA na educação, além de fornecer infraestrutura tecnológica, como banda larga de qualidade para professores. Isso garantiria que todos tivessem os meios adequados para utilizar a IA de forma eficaz em suas atividades acadêmicas.

Com isso, enquanto Eli acredita que o fomento deve vir das próprias instituições, Jesué sugere que o Governo Federal poderia investir no acesso às tecnologias já existentes, como as versões pagas da IA, além de promover pesquisas e melhorias na infraestrutura tecnológica para apoiar a integração dessas ferramentas no ensino e na pesquisa.

Pergunta:

No ambiente acadêmico, tem-se observado um aumento significativo no uso de ferramentas geradoras de texto, como ChatGPT, Perplexity e Luzia, pelos alunos. Enquanto alguns utilizam esses recursos para complementar seus estudos, outros o fazem com o objetivo de apenas acelerar a entrega de atividades, sem efetivamente se aprofundar no aprendizado. Essa realidade tem impactado práticas tradicionais dos professores, como a solicitação de trabalhos escritos para a fixação de conteúdo ou a exploração de novos temas pelos alunos, já que a quantidade de textos produzidos por IA compromete esses objetivos. Diante disso, surge a reflexão: as metodologias de ensino precisam ser adaptadas a essa nova realidade ou seria mais adequado adotar medidas mais rígidas no contexto acadêmico para lidar com essa questão?

Resposta:

De acordo com o professor Eli, ambas as abordagens são necessárias para lidar com o uso crescente de ferramentas geradoras de texto no ambiente acadêmico. Ele destaca que “é preciso criar medidas (diretrizes, na verdade), que indicam o que pode ou não.” No entanto, essas diretrizes devem estar aliadas ao uso consciente e ético das ferramentas, o que exige mudanças nas práticas

pedagógicas, ou seja, nas metodologias de ensino. Para Eli, é fundamental que haja uma integração entre regras claras e uma educação ética quanto ao uso da IA.

O professor Jesué concorda que as metodologias de ensino precisam ser adaptadas, mas alerta que medidas rígidas, sem uma abordagem pedagógica adequada, podem ser contraproducentes. Ele afirma que “o uso da IA deve ser integrado de maneira ética e consciente,” sendo importante que os alunos sejam ensinados a usar essas ferramentas como complemento ao aprendizado, mantendo o foco na criatividade e no pensamento crítico. Além disso, Jesué defende que, ao mesmo tempo em que se promovem essas práticas, “devem ser estabelecidas diretrizes claras para evitar o uso inadequado” da IA.

Como resultado, ambos os professores concordam que as metodologias de ensino precisam ser ajustadas para incorporar o uso da IA de forma ética e consciente, ao mesmo tempo que diretrizes claras são implementadas para orientar seu uso responsável, evitando que a tecnologia comprometa o processo de aprendizado e a criatividade dos alunos.

Pergunta:

No evento, foram discutidos os potenciais prejuízos causados pelo uso inadequado da IA, como a despersonalização do processo de pesquisa. Quais estratégias podem ser implementadas para incentivar os alunos a desenvolverem uma postura mais crítica e reflexiva frente ao uso dessas tecnologias?

Resposta:

De acordo com o professor Eli, uma das estratégias essenciais para incentivar uma postura mais crítica e reflexiva dos alunos em relação ao uso da inteligência artificial (IA) é a formação continuada dos professores. Ele explica que “os professores, que há algum tempo já recebem, de alguma forma, formação para uso de tecnologias na Educação, deveriam também receber formação das instituições para lidar com o uso da IA.” Eli destaca que, com a capacitação adequada, os docentes estariam mais preparados para orientar os alunos sobre o uso consciente dessas ferramentas.

O professor Jesué concorda que as instituições têm um papel fundamental na promoção de formações continuadas para professores, além de debates sobre o uso ético da IA. Ele afirma que “ensinar metodologia científica e reforçar a importância da ética são fundamentais” para que os alunos desenvolvam uma postura mais crítica e reflexiva. Jesué sugere que o foco dessas formações e debates deve estar no uso adequado da IA integrando a tecnologia ao processo de aprendizagem sem comprometer a autonomia intelectual dos estudantes.

Portanto, tanto Eli quanto Jesué concordam que a formação dos professores e a promoção de debates sobre o uso ético da IA são estratégias-chave para incentivar o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva entre os alunos, assegurando que o uso dessas tecnologias seja integrado de maneira responsável no ambiente acadêmico.

Pergunta:

No que tange à pesquisa científica, vocês acreditam que o uso de IA poderia influenciar na integridade acadêmica dos estudantes? Como é possível promover uma conscientização sobre os riscos de plágio e manipulação de dados gerados por essas ferramentas?

Resposta:

De acordo com o professor Eli, a integridade acadêmica e a ética em pesquisa e publicação científica são fundamentais, independentemente do uso de tecnologias como a inteligência artificial (IA). Ele afirma que esses temas “devem ser discutidos amplamente em disciplinas que lidam com o trabalho de conclusão de curso, como metodologia científica, disciplinas de projetos integradores, entre outras.” Eli acredita que a inclusão dessas discussões no currículo é essencial para formar estudantes mais conscientes sobre os riscos e responsabilidades associados ao uso da IA em suas pesquisas.

O professor Jesué reforça que o uso inadequado da IA pode comprometer a integridade acadêmica, especialmente em termos de plágio e manipulação de dados. Para ele, a chave para mitigar esses riscos está na conscientização e na educação. Jesué afirma que é fundamental “incluir discussões sobre ética e promover treinamentos para educar os alunos sobre o uso responsável dessas ferramentas.” Ele também destaca que a disciplina e a transparência no uso da IA são essenciais para manter a integridade acadêmica.

Desse modo, ambos os professores concordam que a conscientização sobre os riscos de plágio e manipulação de dados gerados por IA deve ser promovida por meio de discussões éticas e treinamentos específicos. A inclusão desses tópicos em disciplinas como metodologia científica e projetos integradores é vista como uma estratégia eficaz para garantir que os alunos usem essas tecnologias de forma responsável e ética, preservando a integridade acadêmica.

Pergunta:

Dentro das IAs disponíveis na internet, existem muitas ferramentas que de fato colaboram na pesquisa e na produtividade da escrita de alunos e professores. Vocês podem construir um passo a passo simplificado, para que os princípios éticos da escrita científica sejam respeitados mesmo com o uso dessas ferramentas?

Resposta:

De acordo com o professor Jesué, é possível utilizar ferramentas de inteligência artificial (IA) na pesquisa e na produtividade da escrita, desde que os princípios éticos da escrita científica sejam respeitados. Ele sugere o seguinte passo a passo simplificado para garantir a integridade acadêmica:

Definir a necessidade de uso da IA: Antes de utilizar a ferramenta, identifique em que momento ela será útil, como, por exemplo, para organizar ideias ou estruturar o texto.

Verificar fontes por conta própria: Sempre faça uma validação independente das informações geradas pela IA consultando e verificando fontes confiáveis para garantir a precisão e veracidade do conteúdo.

Garantir que a criatividade e a interpretação sejam próprias: Utilize a IA apenas como suporte. A interpretação e o desenvolvimento das ideias devem refletir seu pensamento, garantindo que o texto final seja uma produção original.

Atribuir corretamente o auxílio da IA: Se a IA auxiliar na produção de algum conteúdo específico, como citações ou ideias, atribua esse auxílio de maneira clara e transparente, garantindo que seu uso seja reconhecido.

Revisar o trabalho final: Faça uma revisão completa do texto para assegurar que ele reflete seu pensamento e que as ferramentas de IA foram usadas de forma complementar, sem comprometer a originalidade e a ética do trabalho.

Com esse passo a passo, Jesué acredita que é possível integrar a IA ao processo de escrita científica de maneira ética e responsável, garantindo que a tecnologia colabore com o desenvolvimento acadêmico sem comprometer a integridade do trabalho.

Pergunta:

[Pergunta gerada pelo ChatGPT v. 4o, aplicando o prompt “crie uma pergunta sobre ética e que seja reflexiva sobre o uso das IA no ambiente acadêmico”]:

Diante do crescente uso de inteligências artificiais como ferramentas de apoio na escrita e na pesquisa acadêmica, até que ponto o uso dessas tecnologias pode influenciar a construção de uma ética pessoal de responsabilidade e autenticidade no ambiente acadêmico? Como equilibrar o apoio tecnológico sem comprometer o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da integridade acadêmica dos estudantes?

[Para a construção da resposta foram consultados três geradores de texto, ChatGPT, Gemini e Copilot, utilizando o prompt “Responda de forma objetiva e sintética”].

ChatGPT: “O uso de inteligências artificiais no ambiente acadêmico pode tanto apoiar o processo de pesquisa quanto gerar desafios éticos. O equilíbrio reside no uso dessas ferramentas como suporte para tarefas mecânicas, como formatação e busca de informações, sem delegar a elas a reflexão crítica e criativa, que são essenciais para o desenvolvimento acadêmico. A construção de uma ética pessoal depende da conscientização de que a tecnologia deve ser um complemento, e não um substituto, para o pensamento original. Promover debates sobre o uso ético de IA e incentivar práticas de autenticação e validação de fontes são formas de preservar a integridade acadêmica.”.

Gemini: “O uso de inteligências artificiais na academia oferece um enorme potencial para auxiliar na pesquisa e na escrita, mas exige uma reflexão cuidadosa sobre os impactos éticos. A dependência excessiva dessas ferramentas pode comprometer a construção de uma ética pessoal fundamentada na responsabilidade e autenticidade. É crucial equilibrar o apoio tecnológico com o desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade, incentivando os estudantes a utilizarem a IA como ferramenta complementar e não como substituto para o raciocínio autônomo. A integridade acadêmica exige transparência no uso dessas tecnologias, evitando a plágio e garantindo que os créditos sejam atribuídos corretamente. A educação sobre o uso responsável da IA é fundamental para que os estudantes possam aproveitar os benefícios dessas ferramentas sem comprometer os princípios éticos da pesquisa e da produção do conhecimento.”.

Copilot: “O uso de inteligências artificiais na escrita e pesquisa acadêmica pode enriquecer o aprendizado ao oferecer personalização e eficiência, mas é crucial que os estudantes desenvolvam uma ética pessoal de responsabilidade e autenticidade, utilizando essas ferramentas como apoio e não como substitutos do pensamento crítico e da criatividade. Para equilibrar o apoio tecnológico sem comprometer a integridade acadêmica, é essencial promover a educação digital, enfatizando a importância da originalidade, do pensamento independente e da correta atribuição de fontes.”.

Baseado nas respostas das ferramentas escolhidas, vocês podem avaliá-las de uma forma global e apontar quaisquer pontos relevantes que possam ser considerados importantes para essa entrevista?

Resposta:

De acordo com o professor Jesué Graciliano da Silva, as respostas fornecidas pelas ferramentas de IA ressaltam um ponto essencial: o equilíbrio entre o uso da IA como suporte e a preservação do pensamento crítico e da criatividade dos estudantes. Ele destaca que “o equilíbrio se dá ao usar a IA como suporte, e não como substituto para o pensamento crítico e a criatividade.” Jesué considera fundamental promover debates sobre o uso ético da IA no ambiente acadêmico, bem como integrar políticas claras e transparentes nos currículos acadêmicos. Essas políticas devem garantir que os estudantes utilizem essas ferramentas de maneira responsável e autêntica, mantendo a integridade acadêmica.

O ponto de vista compartilhado nas respostas das ferramentas de IA reflete uma preocupação comum com a necessidade de educação e conscientização sobre o uso responsável da tecnologia, algo que Jesué concorda ser crucial. Além disso, ele reforça que “a construção de uma ética pessoal de responsabilidade e autenticidade” deve ser incentivada, especialmente para que os estudantes possam aproveitar os benefícios dessas ferramentas sem comprometer o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como o pensamento independente, a originalidade e a correta atribuição de fontes.

Assim, Jesué conclui que os pontos levantados pelas ferramentas de IA são pertinentes e oferecem uma visão global do tema, destacando a importância de debates contínuos e da inclusão de diretrizes claras para o uso da IA na educação acadêmica.